

GEOGRAFIA HISTÓRICA: TEMPOS E ESPAÇOS EM DEBATE

Pedro de Almeida Vasconcelos¹

Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador, BA, Brasil



Enviado em 1 jun. 2022 | Aceito em 27 maio 2024

Resumo: O texto é dividido em duas partes. A primeira trata do subcampo disciplinar da Geografia Histórica, com questões sobre o que é a Geografia Histórica, quais as outras perspectivas, os principais conceitos, temas e autores, as falácias do tempo na subdisciplina e conclui com a discussão sobre a Geografia Histórica Urbana e o trabalho urbano. A segunda parte é sobre a experiência do autor na Geografia Histórica Urbana, dividida em duas partes: a primeira trata da pesquisa realizada sobre Salvador e a segunda comenta a pesquisa em andamento sobre o trabalho irregular urbano.

Palavras-chave: Geografia Histórica; Geografia Histórica Urbana; Trabalho Urbano

HISTORICAL GEOGRAPHY: TIMES AND SPACES IN DEBATE

Abstract: The text is divided into two parts. The first deals with the disciplinary subfield of Historical Geography, with questions about what Historical Geography is, other perspectives, the main concepts, themes and authors, the fallacies of time in the subdiscipline and concludes with the discussion on Urban Historical Geography and urban work. The second part is about the author's experience in Urban Historical Geography, divided into two parts: the first deals with the research carried out on Salvador and the second comments on the ongoing research on urban irregular work.

Keywords: Historical Geography; Urban Historical Geography; Urban Work

GEOGRAFÍA HISTÓRICA: TIEMPOS Y ESPACIOS EN DEBATE

Resumen: El texto está dividido en dos partes. La primera trata del subcampo disciplinar de la Geografía Histórica, con cuestiones sobre qué es la Geografía Histórica, cuáles son las otras perspectivas, los principales conceptos, temas y autores, las falacias del tiempo en la subdisciplina, y concluye con la discusión sobre la Geografía Histórica Urbana y el trabajo urbano. La segunda parte es sobre la experiencia del autor en la Geografía Histórica Urbana, dividida en dos partes: la primera trata de la investigación realizada sobre Salvador y la segunda comenta la investigación en curso sobre el trabajo irregular urbano.

Palabras-clave: Geografía Histórica; Geografía Histórica Urbana; Trabajo Urbano

L'histoire concerne les événements qui se sont déroulés, les uns après les autres du point de vue du temps. La géographie concerne les phénomènes qui se produisent en même temps du point de vue de l'espace" (Kant, 1999, p. 69-70) [1802].

L'usage a consacré, en quelque sorte, une triple partition de la science [...]; on comprend dans la Géographie ancienne tout ce qui est antérieur à l'an 500 de J. C. ou à la grande migration des peuples; la Géographie du moyen âge, descend jusqu'à la découverte de l'Amérique; le reste est regardé comme le domaine de la Géographie moderne (Malte-Brun, 1810, I, p. 8).

Vue de haut, dans ses rapports avec l'Homme, la Géographie n'est autre chose que l'Histoire dans l'espace, de même que l'Histoire est la Géographie dans le temps (Reclus, [1905], 1, p. 11).

Introdução

O texto está dividido em duas partes. A primeira trata do subcampo disciplinar da Geografia Histórica e a segunda parte é sobre a experiência do autor na Geografia Histórica Urbana.

I Parte – sobre o campo disciplinar

A primeira parte do texto trata do subcampo disciplinar da Geografia Histórica, a partir da revisão da literatura, com questões sobre o que é a Geografia Histórica, quais as outras perspectivas, os principais conceitos, temas e autores, as falácias do tempo na subdisciplina e conclui com a discussão sobre a Geografia Histórica Urbana e o trabalho urbano.

O que é Geografia Histórica?

A **definição** de Geografia Histórica vai depender da época em que foi elaborada, dos paradigmas dominantes, levando também em consideração as visões globais da própria disciplina. Por exemplo, para A. Hettner, em 1898, a função da subdisciplina seria a descrição da geografia de uma área em algum tempo passado. J. F. Unstead considerou em 1907 a Geografia Histórica como aquela que realiza cortes transversais através do tempo, enquanto H. Mackinder, em 1930, a definiu como o estudo do presente histórico (Darby, 1962, p. 59). D. Whittlesey em 1945 teria afirmado que toda geografia é uma Geografia Histórica (Ibid, p. 35) e J. B. Mitchell definiu a subdisciplina como o estudo geográfico de qualquer período do passado (1954, p. 12). Em 1959 R. Hartshorne definiu a Geografia Histórica como o *"estudo do caráter mutável das áreas através do tempo"* (1978, p. 111). Para H. C. Darby os dados eram históricos e os problemas e métodos eram geográficos (op. cit., p. 34). O referido autor ainda propôs outra definição para Geografia Histórica, como o estudo das mudanças geográficas através do tempo (p. 74). Para o geógrafo humanista L. Guelke a Geografia Histórica tem a função de entender as mudanças históricas das atividades geográficas (1982, p. 22). O geógrafo francês X. Planhol (1988) afirmou que a Geografia Histórica é concebida como uma aplicação ao passado do método de análise geográfica. Para R. Butlin, em 1993, a Geografia Histórica seria caracterizada como o estudo *"das geografias de tempos passados"* (1996, p. 1). Para J.-R. Pitte a Geografia Histórica seria *"toda a geografia conjugada à toda história, nas preocupações e os métodos mais variados dessas disciplinas"* (2005, p. 196) e ela reivindicaria todos os métodos da Geografia e todos aqueles da História (1994, p. 20). Para C. Philo, em 1994, a subdisciplina não poderia *"reivindicar um objeto de estudo perfeitamente definido"* (1996, p. 269). D. Clayton considerou que ela é voltada às geografias do passado e suas relações com o presente (2006, p. 337). Para M. Abreu a Geografia Histórica é também o estudo dos lugares do passado (2010).

C. T. Smith registrou seis definições em 1965 (história da geografia; a história da exploração; o funcionamento do fator geográfico na história; a evolução da paisagem cultural; a reconstrução de geografia do passado; e o estudo das mudanças geográficas durante o tempo).

R. M. Newcomb, em 1969, levantou 12 abordagens diferentes (*Temporal cross-section; Vertical theme; Cross-section vertical blend; Retrogressive; Dynamic culture history; Historical regional geography; Man's role in landscape change; Areal differentiation of relict features; Genre de vie; Theoretical model; Pragmatic preservation of landscape legacies; Past perceptual lenses*) (Norton, 1984, p. 27-28). Esse autor sintetizou três categorias de estudos da Geografia Histórica: o estudo do passado; o estudo da mudança através do tempo e o estudo do passado no presente (1984, p. 27-28).

Essa longa revisão mostra a ausência de consenso entre os diversos autores ao longo do tempo e em diferentes espaços.

Os geógrafos M. Bassin e V. Berdoulay (2004) realizaram uma análise periodizada da subdisciplina. Inicialmente destacaram que na Geografia Histórica temos abordagens sincrônicas, como a reconstituição da paisagem e do território numa época ou diacrônicas, quando a ênfase está nas evoluções. Antes de 1900 a Geografia Histórica era mais voltada para as divisões políticas e administrativas do passado. No período de 1900 a 1945 aparecem (1) a abordagem dos cortes transversais, com destaque para Darby; (2) a abordagem genética-histórica com os estudos da paisagem cultural genética, Sauer aparecendo como principal autor; (3) a Geografia Histórica como parte inseparável da Geografia Humana, quando a história do conhecimento científico da terra é enfatizada nos trabalhos de La Blache e seus discípulos. No último período (1945-2000) os autores comentam (1) o impacto da revolução quantitativa e a marginalização da subdisciplina; (2) a impulsão humanística, com a preocupação pelo único e pelo individual, citando autores como Lowenthal e Tuan; (3) a iconografia e as geografias da representação, com o interesse sobre a construção da paisagem e sua significação, quando citam Cosgrove e Duncan, entre outros; (4) a modernidade revisitada, quando tratam da modernização espacial das sociedades e sua repercussão na subdisciplina; (5) a colonização e planejamento, com a denúncia dos sistemas coloniais; e concluem com (6) as convergências entre a Geografia Histórica e a História do Pensamento Geográfico.

Podemos concluir esta parte com A. R. H. Baker, um dos mais eminentes geógrafos históricos, que levantou sete **princípios** para o entendimento da Geografia Histórica: (1) a Geografia Histórica é central para a geografia como um todo; (2) ela faz questões sobre padrões geográficos e processos no passado; (3) ela é essencialmente interessada com as mudanças geográficas através do tempo; (4) ela enfatiza as especificidades históricas de lugares particulares; (5) ela é fundamentalmente interessada com a síntese de lugares; (6) as fontes e teorias da Geografia Histórica são problemáticas; e (7) o debate é central na prática da Geografia Histórica (1995). Baker, em seguida propôs sua definição da Geografia Histórica como o estudo geográfico do passado (2003, p. 209), destacando, como Darby, que o interesse principal é com as mudanças geográficas através do tempo (p. 215), e afirmou que a Geografia Histórica é mais ampla do que a Geografia Retrospectiva (p. 217). Baker também destacou quatro tradições na Geografia Histórica: (1) a da localização geográfica; (2) a ambiental; (3) a da paisagem; e (4) a regional na Geografia (2005, p. 20-21).

Outras perspectivas

O termo **Geohistória** foi proposto pelo historiador Fernand Braudel nos anos 1940. Braudel depois de definir a Geografia como "*l'étude de la Société dans l'espace [...] par l'espace*" (1997, p. 78), vai propor a nova noção: "*La géohistoire, c'est bien l'histoire que le milieu impose aux hommes par ses constantes [...] ou par ses légères variations [...]; la géohistoire est aussi l'histoire de l'homme aux prises*

avec son espace [...]”. “La géohistoire est l’étude d’une double liaison, de la nature à l’homme et de l’homme à la nature [...]” (p. 102). Para ele haveria duas Geohistórias: a do lado dos homens e a do lado da natureza, com velocidades diferentes: do lado da natureza seria uma história imóvel ou quase imóvel. Do lado dos homens a ação contra as coisas varia com as épocas (p. 107-108).

Para o geógrafo contemporâneo C. Grataloup a Geohistória seria o estudo geográfico dos processos históricos e se distinguiria da Geografia Histórica (2003, p. 401), pois ela situa a dimensão geográfica em causalidades múltiplas e não apenas na contingência. Também seria a abordagem intelectual das sociedades que não privilegia a dimensão temporal (História), nem a dimensão geográfica, mas se esforça por fundir os dois tipos de análise (2015, p. 218). Esse autor ainda fez a relação de três “geographicités” (território, meio e espaço) com três “historicités” ou temporalidades (passado, presente, futuro) (p. 75 e 219). Ele também fez a relação entre períodos e regiões (p. 167) e entre eventos e lugares (p. 218).

Já Gutiérrez e Gonzalez optaram por tratar da Geohistória da Cidade do México no seu livro como uma abordagem geopolítica.

A **Geografia Retrospectiva** teria sido originada a partir de curso oferecido pelo geógrafo Roger Dion, em 1948 e um artigo em 1949 com o título de “*Geographie humaine rétrospective*” (Prince, 1985, p. 326; Flatrès, 1994, p. 63). Para Roger Dion a Geografia Retrospectiva comportaria sobretudo o estudo da adaptação das atividades humanas ao meio físico (Flatrès, op. cit., p. 65).

P. Flatrès considerou a Geografia Retrospectiva como parte da Geografia Histórica. Seriam os textos escritos por geógrafos que tratam de uma região aplicando os métodos da Geografia para descrever um certo momento do passado, mas não haveria a preocupação do presente pelo passado, que seria frequente na Geografia Histórica (1994, p. 63). O geógrafo francês considerou a obra de H. C. Darby como sendo da Geografia Retrospectiva (p. 67).

Ainda temos a proposta da **Cronogeografia**. O geógrafo suíço A. S. Bailly definiu a “Chronogéographie” como “o ramo da Geografia que se consagra à análise das práticas espaciais no tempo” e que teria substituído a “Geografia dos Tempos” (1991, p. 169), mas aparentemente não teve seguidores.

De fato, não é fácil estabelecer um campo temático entre as duas disciplinas, a Geografia e a História. Na prática os geógrafos priorizam as teorias e os conceitos, como por ex. Milton Santos. Os historiadores, por outro lado, se dedicam prioritariamente às pesquisas em arquivos de fontes primárias. Se por um lado os geógrafos que optaram pelo estudo do passado não têm formação especializada dos historiadores, por outro lado podem trazer conhecimentos específicos como os da cartografia e os da análise do espaço.

Os principais conceitos da Geografia Histórica

Na Geografia Histórica assim como nos demais subcampos disciplinares os conceitos básicos da Geografia são os mesmos: **espaço, território, lugar, meio, paisagem** etc. Além dos principais conceitos da Geografia outros conceitos são utilizados na Geografia Histórica (assim como na História), por autores de diferentes tendências, como por exemplo:

- **Diacronia**: “que tem em vista a dimensão de profundidade temporal, igualmente contida na atualidade de todos os acontecimentos” (Koselleck, 2020, p. 28);

- **Duração**: persistência de um evento (Bailly, 1991, p. 170); (social): tempos múltiplos e contraditórios da vida dos homens (Braudel, 1986, p. 9);

- **Evento**: uma descontinuidade, uma ruptura em relação ao estado precedente (Pomian, 1993, p. 233);

- **Memória**: a propriedade de conservar certas informações (Le Goff, 1990, p. 423);

- **Passado:** “é um país estranho cujas características estão configuradas de acordo com as predileções atuais” (Lowenthal, 1998, p. 8). As formas de acesso ao passado são, segundo o autor, a memória, a história e as relíquias (p. 15);

- **Periodização:** segmentos do tempo que apresentam forte coalescência histórica entre seus elementos constitutivos (Abreu, 2010, p. 21);

- **Sincronia:** “que tem em vista os acontecimentos da atualidade de sua condição presente” (Koselleck, 2020, p. 28);

- **Tempo (social):** dimensão particular de uma determinada realidade social que eu contemplo (Braudel, 1986, p. 35); dimensão temporal de uma sociedade (Grataloup, 2015, p. 221);

- **Temporalidade** duas velocidades de evolução (Grataloup, 1996, p. 57); (urbana): as expressões de tempo nas cidades e do tempo das cidades (Pumain, in Lepetit; Pumain, 1999, p. 136).

No livro *Key Concepts in Historical Geography* organizado por Morrissey et al. (2014) foram destacados sete conceitos chave da sub disciplina: (1) Geografias coloniais e pós-coloniais, nas quais se discute imperialismo, colonialismo e desenvolvimento; (2) Construção da Nação e Geopolítica, quando são destacados os conceitos de lugar, território e identidade; (3) Hierarquias históricas: quando são comentadas as noções de classe, raça e gênero; (4) O meio ambiente construído, com discussão sobre a natureza, o meio ambiente, os assentamentos urbanos e a morfologia urbana; (5) Lugar e significado, com destaque para o conceito de paisagem e de iconografia, mas trata também de herança, espetáculo e poder; (6) Modernidade e Modernização, quando são discutidos o capitalismo, a ciência e a tecnologia e a democracia; e (7) Além das fronteiras, com discussão da globalização, governabilidade e a relação natureza e cultura. No final foi discutido a produção do conhecimento histórico geográfico (Morrissey et al, 2014).

Quais os principais temas da Geografia Histórica?

O geógrafo norte americano Carl Sauer em texto de 1940, sugeriu 11 temas da Geografia Histórica. Dois são vinculados à Geografia Física. Os demais são: os sítios de assentamento; os padrões de assentamentos; os tipos de habitação; os estudos da ocupação da terra; o clímax cultural; as receptividades culturais; a distribuição de energia dentro de uma área cultural; os estudos culturais e sucessões; e a luta por áreas entre as culturas (1991). Os temas são bastante relacionados à Geografia Cultural.

William Norton, no seu livro de 1984 destacou seis áreas de interesse da Geografia Histórica: as análises regional, cultural e da percepção; a exploração, a imigração e as fronteiras; a evolução dos assentamentos rurais e urbanos; a paisagem agrícola; o transporte, as paisagens industriais e urbanas; e a população e as análises sociais.

Outro especialista em Geografia Histórica Robin Butlin também destacou seis temas desse subcampo disciplinar: a paisagem; o poder e o controle; as transformações rurais; a urbanização; a industrialização; e o comércio, transportes e comunicações, dedicando a cada um capítulo do seu livro de 1993.

No livro em homenagem ao geógrafo histórico Alan Baker, organizado por Black e Butlin (2001) dois textos teóricos foram seguidos por textos com comentários sobre as viagens de J. Locke; as representações da Palestina; os restaurantes de Paris; a história dos teatros na Itália; os espaços de prostituição nas cidades europeias; os intelectuais franceses e a questão da Alsácia-Lorena; o discurso dos camponeses na França rural; a ponte Vitória em Montreal; o discurso colonial no Quebec; e a identidade nacional canadense. Essa dispersão temática, a meu ver, fragiliza a subdisciplina.

Na coleção *Cambridge Studies in Historical Geography* foram publicados outros livros com temas bastante diversificados como *Human territoriality*, de Robert Sack, em 1986; *The iconography*

of landscape, editado por Denis Cosgrove e Stephen Daniels em 1988; *Lost word and lost worlds: modernity and the language of everyday life in late nineteenth-century Stockholm*, de Allan Pred em 1990; *Ideology and landscape in historical perspective*, editado por Alan Baker e Gideon Biger em 1992; e *Place, culture and identity*, editado por Iain Black e Robin Butlin em 2001.

Alguns dos principais autores na Geografia Histórica

Podemos destacar autores importantes que não se dedicaram apenas à Geografia Histórica, assim como outros autores mais especializados na subdisciplina.

Em primeiro lugar Elisée Reclus que deve ser considerado sobretudo pela sua última obra, *L'Homme et la Terre* (1905), cujos livros têm os seguintes títulos: 1 – Os Ancestrais; 2 – História Antiga; 3 – História Moderna; 4 – História Contemporânea; Carl Sauer, que era mais voltado à Geografia Cultural, mas escreveu importante artigo sobre a subdisciplina em 1940; Roger Dion, por ter proposto a Geografia Retrospectiva também nos anos 1940; H. C. Darby um dos fundadores da subdisciplina na Inglaterra, que escreveu o monumental *The Domesday Geography of England*, em cinco volumes, entre 1952-1967 (Flatrès, op. cit., p. 67); Alan Baker, certamente o principal autor anglo-saxão atual da subdisciplina (1995; 2003; 2005); e Christian Grataloup que discute a Geohistória na perspectiva da globalização (1996; 2003, 2015).

No Brasil destaca-se Mauricio Abreu autor da monumental *Geografia Histórica do Rio de Janeiro* (2010). Já em texto de 2005 Paul Claval destacava a afirmação de Mauricio Abreu de que “temporalidades diferentes coexistem no mesmo lugar” (p. 57). Entre as homenagens em sua memória foi publicado um número especial da revista *Cidades* (vol. 8, n. 14, 2011) e foi organizado o livro *Escritos sobre espaço e história* por Fania Fridman e Rogério Haesbaert com a republicação de nove textos do autor (2014).

Outro geógrafo brasileiro que se dedicou à Geografia Histórica, embora não exclusivamente, foi Antonio Carlos Robert de Moraes, destacando o seu livro *Geografia Histórica do Brasil: Capitalismo, território e periferia* (2011), além de outros textos como os seus livros publicado em 2000 e 2005.

As falácias do tempo na Geografia Humana

Os geógrafos D. Hornbeck, C. Earle e C. M. Rodrigue (1996) identificaram oito falácias que podem ocorrer no tratamento do tempo pelos geógrafos humanos: (1) a falácia do equívoco (*mistaking*): através dos enganos no uso dos dados; (2) a falácia da Teoria Retrospectiva: o fato de interpretar o passado com base nas teorias atuais; (3) a falácia da Idade de Ouro: baseada no romantismo e na nostalgia do passado; (4) a falácia do tempo presente: o uso do passado para compreender os problemas atuais; (5) a falácia genética: quando um (ou mais de um) evento é considerado mais importante que todos os demais; (6) a falácia dos fatos: todos os fatos são considerados como relevantes e todos devem ser reunidos; (7) a falácia da periodização errada: quando o passado é dividido em cortes temporais arbitrários; e (8) a falácia das infinitas possibilidades: quando se privilegia o futuro sobre o passado. Os autores também sugeriram a construção de uma Geografia de Eventos.

A Geografia Histórica Urbana

A maior parte dos estudos da Geografia Histórica é voltada para o estudo das paisagens e morfologias, assim como para as questões agrárias e rurais. No recente livro sobre os conceitos chave da Geografia Histórica, foi comentado que um deles é sobre o “Meio Ambiente construído”, que

reúne três capítulos: um trata da relação entre a natureza e meio ambiente; um é sobre os assentamentos urbanos, numa visão regional; e um trata as “geografias da morfologia urbana” com referência aos estudos do geógrafo M. R. G. Cozen (Morissey et al., 2014)

Em 1983 H. Carter escreveu o manual *An Introduction to Urban Historical Geography*. O livro está dividido em quatro partes: (1) Urbanismo: origens de difusão; (2) Urbanização: o sistema da cidade; (3) A formação do plano da cidade; e (4) A estrutura interna da cidade. Ele cita a diferenciação estabelecida pelo historiador Dyos em 1973, de que a História Urbana estaria mais voltada para a vida urbana e a população urbana, enquanto a Geografia Urbana estaria mais preocupada pelas padronizações e distribuição (1987, p. xiv). Vimos que Norton (1984) destacou o interesse pelos estudos da evolução dos assentamentos urbanos. Outro livro dedicado à temática é o de Denecke e Shaw (1988) sobre os avanços da Geografia Histórica Urbana na Grã-Bretanha e na Alemanha, com apresentação de vários estudos de caso. O livro citado de A. Pred (1990) é sobre Estocolmo. Butlin (1993) mencionou entre os temas da Geografia Histórica o da urbanização. Por sua vez, Pitte na sua *Histoire du paysage français* (2003) dividiu seu estudo da paisagem em rural e urbano de forma equitativa.

A maior parte dos trabalhos da Geografia Histórica Urbana são voltados para a análise da morfologia urbana, como os textos de Conzen (2004) e Whitehand (1987; 1992) e Capel (1990).

O estudo de Glasgow por M. Pacione (1995) pode ser considerado um bom exemplo da Geografia Histórica Urbana. O livro é estruturado em duas partes: a primeira emprega uma abordagem cronológica para examinar os principais agentes, processos e padrões para o exame do desenvolvimento da cidade, e na segunda parte é examinado sistematicamente o desenvolvimento socioespacial da cidade (economia, habitação, governo, desafio urbano e imagens populares).

Recentemente, a Geografia Histórica Urbana brasileira tem ampliado seus trabalhos como os de os de Mauricio Abreu (1987 e 2010), os de Vasconcelos (2002, 2005) e de Maria Clélia Costa (2017), além dos de Doralice Maia, José Aldemir de Oliveira e Marcelo Werner da Silva.

De fato, a pesquisa na Geografia Histórica é uma tarefa árdua. Requer uma verdadeira “garimpagem” numa documentação imensa, sobretudo em cidades que têm um longo passado como Salvador ou Rio de Janeiro. A opção pela Geografia Histórica Urbana, portanto, não diminui a dimensão do trabalho.

Quanto ao trabalho urbano?

Embora não seja tenha sido um tema privilegiado pelos geógrafos históricos, alguns autores se debruçaram sobre a questão, com destaque para a escravidão:

O grande geógrafo Humboldt escreveu um capítulo específico “*Sobre la esclavitud*” no seu livro *Ensayo Político sobre la Isla de Cuba*, publicado em 1826. Podemos destacar uma importante afirmação do geógrafo alemão, que foi contemporâneo da escravidão: “*La esclavitud es, sin duda, el mal más grave que aflige a la humanidad*” (2004, p. 176).

Já nos anos 1860 e 1861 Elisée Reclus escreveu dois artigos para a *Revue des Deux Mondes* em duas partes tratando da escravidão nos Estados Unidos. A primeira “O Código Negro e os Escravos” e a segunda “Os Plantadores e os Abolicionistas” (2010). Na sua última obra, *L’Homme et la Terre*, no Livro 3, ele tratou da escravidão no capítulo “*Nègres et Moujiks*”, juntamente com os imigrantes.

Hugh Prince destacou “*la primacia de los individuos como agentes del cambio geográfico [...] a los esclavos [...] trabajadores [...]*” (1985, p. 341). *Entre los grandes y persistentes problemas que esperan*

ser investigados estan [...] la esclavitud [...], conflictos raciales, descontentos entre los inmigrantes” (p. 342)

Para o geógrafo canadense Serge Courville o campo principal da Geografia Humana é o espaço histórico. Seria pelas espacialidades que ela apreende e interpreta o passado. Ela se interessaria pelas formas e ideias, pelos atores e as ações que os explicam (1995, p. 195-196). Destacamos aqui a abertura para os “atores”.

Embora a maior parte dos autores da Geografia Histórica esteja voltada para as análises morfológicas, há exceções, como o colega Antonio Carlos R. Moraes, que, ao estudar as bases da formação territorial do Brasil escreveu um capítulo “Trabalho compulsório e organização social das colônias” no seu livro de 2000. Outro exemplo é a premiada dissertação de Luís Augusto Lourenço (2002) sobre o Triângulo Mineiro, cujo título trata dos “escravos, índios e homens livres”, mas sua ênfase é sobre o trabalho rural. Mauricio Abreu também analisou os escravos no exame dos dois primeiros séculos do Rio de Janeiro (2010).

II parte – Minha experiência na Geografia Histórica Urbana

Meu interesse pela Geografia Histórica surgiu durante o doutorado no Canadá que versava sobre o trabalho informal. As análises fatoriais testadas indicaram que as migrações não explicavam a pobreza de Salvador. A partir daí procurei estudar o trabalho dos escravos, dos libertos, dos artesãos e dos brancos pobres para tentar compreender as origens da pobreza em Salvador. Além de um capítulo na minha tese de doutorado intitulado “Les racines de l’informel” (1985), um dos produtos principais desta etapa inicial foi um artigo publicado na revista *Espaces et Sociétés* em 1998.

A pesquisa sobre Salvador

Em seguida dei início a minha pesquisa sobre o passado de Salvador o que resultou no livro *Salvador: transformações e permanências* (1549-1999), de 2002, agora com uma 2ª edição ampliada (2016) e de sua versão francesa em 2005.

Para estudar uma cidade na longa duração, coloquei uma série de **questões teóricas**:

- Que teorias e conceitos podem dar respaldo aos estudos da Geografia Histórica Urbana?
- Quais as teorias que dariam respostas aos problemas do passado e a análise do presente?
- A questão de temas nas fronteiras disciplinares, ou seja, das disciplinas parcelares como chamava Lefebvre (Geografia, História, Urbanismo): devemos nos limitar à Geografia, diante da complexidade e magnitude dos problemas urbanos atuais e passados?

- Onde termina a Geografia Histórica Urbana e onde começa a História Urbana? Ou seja, uma questão da identidade disciplinar.

- A questão das relações dos diferentes espaços no tempo longo. Como exemplo, os fluxos de pessoas, animais, mercadorias, línguas, ideologias transplantadas (da Europa e da África), indicam nexos anteriores à fundação da cidade do Salvador, como os vínculos às famílias e instituições portuguesas ou às religiões africanas. Por outro lado, os diferentes espaços não correspondem à História e a Geografia oficiais, que reduzem a análise do período “colonial” ao atual território brasileiro. Como exemplos, o Arcebispado de Salvador tinha jurisdição sobre a África portuguesa, assim como o Tribunal de Relação de Salvador.

No passado, a maior parte dos estudos era eminentemente empírica, com apoio indireto nas bases teóricas da disciplina em seu conjunto (positivismo, evolucionismo, por ex.). No presente, o uso de conceitos e categorias é empregado sem uma base teórica explícita. As grandes teorias explicativas como o Marxismo (e seus desdobramentos, como no caso dos neomarxistas) estão

sendo contestadas. Um apoio possível pode ser encontrado na *Ecole des Annales* (Febvre, 1970; Bloch, 1993; Braudel, 1978, 1986, 1992, 1997), com destaque para a “dialética da duração” (Braudel, 1986, p. 9), com o desdobramento da duração entre acontecimento, conjuntura e longa duração (p. 34), tendo em vista o afastamento da *Nouvelle Histoire* das questões espaciais. Outro apoio são as referências ao tempo e ao espaço encontradas tanto nos textos de especialistas da Geografia Histórica como em teóricos do conjunto da disciplina como Milton Santos (1996).

Diante da ausência de teoria geral elaborada para a Geografia Histórica Urbana, a solução foi a de trabalhar com um conjunto de conceitos utilizados para o conjunto da disciplina.

Como exemplo do uso dos conceitos, a questão proposta para o estudo da cidade de Salvador foi a seguinte:

Como uma combinação de eventos e processos, ao longo do tempo, conduz à formação de uma sociedade e de um espaço com características próprias. O lugar é, neste caso, o resultado de uma acumulação de formas sobreviventes de diversos períodos (Santos, 1996), ao mesmo tempo que concentra uma estrutura social que adquiriu características próprias e, embora articulada à uma sociedade global, apresenta certas combinações que permitem o aparecimento de uma cultura única (Vasconcelos, 2002, p. 18).

Na pesquisa sobre Salvador foram utilizados conceitos de agentes sociais, cultura, desenvolvimento territorial, espaço, estrutura (social), lugar, processos (históricos), sociedade, assim como os pares cidade / metrópole; espacialidade / temporalidade; transformações / permanências; entre outros, ou seja, em sua maior parte, conceitos amplamente utilizados na Geografia.

Diante das demandas externas, da participação em eventos (Vasconcelos, 2001) e no Grupo de Estudos Urbanos, procurei contribuir com a teoria na Geografia Histórica Urbana, como por exemplo, através da produção de textos específicos sobre os agentes modeladores no período colonial (1997); sobre os tempos densos e os hiatos temporais (1999-a), e sobre o exame da noção do tempo pelos geógrafos (1999-b), entre outros.

Mas o campo em que acredito que possa dar maior contribuição é o da metodologia da Geografia Histórica Urbana.

A proposta metodológica elaborada para o estudo sobre Salvador foi a seguinte: para estudar uma cidade na longa duração em primeiro lugar deve ser feita uma revisão da literatura teórica sobre o espaço, o tempo e as cidades. No caso de Salvador foram importantes além dos textos de geógrafos como Yves Lacoste e Milton Santos; os dos historiadores como Fernand Braudel e de urbanistas como Teixeira e Valla. Posteriormente foi também incorporado texto do arquiteto Aldo Rossi.

Em seguida, deve ser estabelecida uma periodização própria à cidade, levando em consideração as grandes rupturas nacionais e internacionais. Cada período correspondeu a um capítulo do livro.

Algumas questões podem ser colocadas sobre a periodização:

- O abandono da longa duração pelos historiadores: como dividir o tempo, na longa duração, na perspectiva da cidade examinada, compatibilizando com as grandes rupturas ocorridas em outras escalas?

- A questão dos “tempos densos” e dos “hiatos temporais”: períodos em que ocorreram eventos importantes e que foram bastante documentados ao lado de períodos sem documentação e cartografia.

No interior de cada período o estudo foi dividido em três partes, que corresponderam a subcapítulos:

(1) Os Contextos históricos

Em primeiro lugar foram examinados os contextos históricos correspondentes a cada período em diferentes escalas (internacional, nacional e local).

Algumas questões podem ser levantadas sobre os contextos históricos:

- Como tratar os eventos históricos nos contextos temporais?;
- Como examinar as diferentes temporalidades (estruturas, conjunturas, eventos)?;
- O que é importante como “pano de fundo” histórico para a compreensão do leitor?;
- Como integrar as diferentes escalas de ocorrência dos eventos (internacional, regional, local)?
- Como tratar o passado próximo?

(2) Os Agentes sociais

Em seguida foram examinados os agentes sociais mais importantes, juntamente com a análise da sociedade urbana.

Algumas questões podem ser levantadas sobre os agentes:

- São os “agentes” um anacronismo?
- Quais os principais agentes sociais ao longo do tempo? As instituições (Estado, Igreja, Organizações civis etc.), os agentes econômicos (empresas, grupos, indivíduos), a sociedade civil e os movimentos sociais.
- Como integrar outros agentes sociais que não “modelam” necessariamente o espaço?
- Como tratar a sociedade (ex. colonos, escravos, libertos etc.), como testemunhos de situações passadas?

(3) As transformações espaciais

Finalmente, foram levantadas as principais transformações espaciais, a partir da definição das divisões espaciais escolhidas (as paróquias e os distritos). Foi realizado um esforço de localização dos eventos e dados nas unidades espaciais escolhidas.

Questões sobre as transformações espaciais podem ser discutidas:

- Como tratar as transformações espaciais na cidade?
- Utilizar que divisões territoriais tendo em vista os desmembramentos, as incorporações?
- Quais os principais elementos estruturantes do espaço: as principais vias, as praças, os monumentos, os conventos, as fortificações, as fábricas, os *shopping centers* etc.;
- Como priorizar o espaço sobre o tempo: a localização dos eventos ou a cronologia?
- Que informações selecionar diante da riqueza factual: qual o limite?

A escolha das fontes (secundárias e primárias): a obsessão pelo arquivo.

Por outro lado, além das transformações, as permanências também devem ser consideradas:

- As permanências físicas: o traçado urbano; as construções sólidas: uma seleção em detrimento dos mais pobres e das instituições mais frágeis;
- As permanências sociais: o peso do passado na sociedade.

Esta estrutura proposta se revelou uma ótima grade de leitura e de alocação dos eventos e dados, mas algumas questões ainda podem ser colocadas:

Primeiro, alguns eventos abrangem a cidade inteira ou atingem mais de uma unidade espacial. Segundo, e mais importante, a análise da sociedade extrapola o papel dos agentes sociais.

Essa metodologia foi aplicada nos meus livros sobre Salvador e alunos meus utilizaram a referida metodologia (Andrade, 2005, 2013; Brandão, 2005, Andrade e Brandão, 2006).

A pesquisa sobre o trabalho irregular urbano

A estrutura preliminar da minha pesquisa em andamento sobre *As metamorfoses do trabalho irregular urbano* está dividida em dois grandes blocos: o período escravista e o período pós-escravistas. Em cada bloco são examinadas as principais atividades, como o trabalho dos escravos, dos libertos, dos desclassificados etc.

No exame da sociedade escravista nas cidades, como nessa pesquisa, encontramos informações de grande interesse, mas fica a questão: estaríamos neste caso “saindo” da Geografia e “entrando” na História?

Seguem alguns exemplos para reflexão:

(1) Quanto aos **escravos urbanos**:

- Fluxos de escravos da África de origens diferentes para o Rio de Janeiro e para Salvador;
- Agricultores trazidos da África para o Rio de Janeiro e escravos guerreiros para Salvador;
- Escravos mulatos foram recrutados para formar companhias para lutar contra os espanhóis nas capitanias do Sul, em 1767, armados com “chuchos com hastes”;
- Escrava transportava armas e equipamentos de oficial militar no Rio de Janeiro (J. B. Debret);
- Escravas de freiras em Salvador vendiam produtos elaborados por suas proprietárias enclausuradas em convento (A. Nascimento). Neste caso há relações sociais e interurbanas;
- Escravos recebiam incentivos monetários para aumento da produtividade nas charqueadas em Pelotas (L. Couty). Seriam relações econômicas específicas ao lugar?;
- Estudantes que iam cursar direito em São Paulo levavam seus escravos para seu serviço pessoal nas “repúblicas” (E. Bruno). Neste caso há relações sociais e deslocamentos espaciais;
- Prisioneiros endinheirados de Recife levavam seus escravos para servi-los em Fernando de Noronha (M. Carvalho). Também há relações sociais e deslocamentos espaciais;
- Escravo em Salvador era correspondente de traficante baiano que residia na África (P. Verger). Relações sociais e entre dois espaços geográficos;
- Escravas de residente estrangeiro não queriam ser liberadas no Rio de Janeiro, nem ir para a Inglaterra e preferiam serem escravas de outros estrangeiros (J. Luccock). Caso de relações sociais e espaciais;

(2) Quanto aos **libertos**:

- O Rio de Janeiro tinha duas irmandades de pretos em 1722; Minas três; e a Bahia 12 e nove devoções (além de cinco irmandades e oito devoções de pardos). Como explicar as diferenças?;
- Rebeldes africanos malês programaram a morte dos brancos e a escravidão dos pardos em Salvador (Processos judiciais). Neste caso há conflitos étnicos não espacializados, mas de origem geográfica diferente (africanos e brasileiros);
- Libertas de Salvador encomendavam meninas escravas da mesma etnia na África. (J. Ver Huel). Neste caso há relações sociais e étnicas e entre dois espaços geográficos;
- “Mãe de santo” africana era proprietária de imóveis e dezenas de escravos e residia no Pelourinho, Salvador (L. Parès). Caso de relações sociais e localizações interurbanas;

3) Quanto aos **brancos pobres** e **desclassificados** em geral:

- 76 chefes de família eram formadas por costureiras brancas e 42 eram constituídas por pobres brancos em duas freguesias de Salvador em 1775 (A. Costa);
- Carregadores de cadeirinhas brancos (açorianos) ao lado de libertos e escravos no Rio de Janeiro no início do século XIX (J. Luccock). Temos aqui questões sociais e espaciais;
- Prisioneiros brancos trabalhavam em obras públicas em Salvador (M. Graham). Caso de produção do espaço por agentes sociais;

- Mulher branca entre lavadeiras negras foi destacada em quadro de J. M. Rugendas (entre 1827-1835);

- Mendigos eram carregados em redes no Rio de Janeiro (D. Kidder em 1845). Neste caso tratam-se de relações sociais no espaço urbano.

4) Outras questões:

- Famílias de todas as cores e ocupações residiam nas proximidades e nos mesmos prédios em Salvador no século XVIII (A. Costa em 1775). Caso de relações sociais e espaciais intraurbanas.

- Uma questão final: porque os escravos de ganho do Rio de Janeiro levavam seus rendimentos diariamente para seus proprietários enquanto os de Salvador os levavam semanalmente. Os proprietários do Rio eram mais “generosos”, pois eram obrigados a alimentá-los ou eram mais controladores? Essa maior liberdade em Salvador teve relação com a rebelião Malê, diante da maior autonomia dos escravos, ou só foi um fator agravante a mais, na medida em que os escravos do Rio de Janeiro eram majoritariamente originários das regiões de Angola enquanto se importavam escravos muçulmanos para Salvador? Essas questões apresentam, com certeza, várias geografidades, embora não necessariamente ligadas à simples produção do espaço.

Essas questões nos levam a perguntar se os escravos e libertos deveriam ser examinados apenas como “produtores do espaço” para o estudo ser considerado geográfico?

De fato, as questões selecionadas são muito importantes para entender o nosso passado e até a sociedade atual. Elas ocorreram em diferentes lugares, mas nem todas apresentam necessariamente uma “geograficidade” forte.

Conclusões

A Geografia Histórica vem se ampliando, sobretudo diante da busca de novos paradigmas e da queda das grandes teorias. No caso brasileiro os programas de pós-graduação têm formado vários alunos dedicados a essas temáticas. Os convites para participar de bancas de mestrado e doutorado servem de amostra. Os grupos de trabalho em eventos nacionais como o Simpurb e o Enanpege revelam uma nova geração de interessados na subdisciplina.

Podemos destacar na Geografia Histórica brasileira Mauricio Abreu, que teve um reconhecimento nacional e internacional e um papel essencial na pesquisa, na produção e na formação de geógrafos históricos brasileiros. Ele deixou, além da sua obra magna (2010) e demais textos, um banco de dados sobre o passado do Rio de Janeiro, disponível para consulta, uma prova de sua generosidade.

Finalmente, minha pesquisa atual pode estar abrindo uma nova perspectiva na Geografia Histórica brasileira, através de dados fragmentados, mas que sendo contextualizados em diferentes períodos e relacionados espacialmente, e, através do exame das semelhanças e diferenças, podem ajudar a entender a nossa sociedade, uma das mais desiguais do mundo.

Referências

- ABREU, Mauricio A. (1987). *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Iplanrio; Zahar.
- ABREU, Mauricio A. (2010). *Geografia Histórica do Rio de Janeiro (1502-1700)*. Rio de Janeiro: Andrea Jacobson; Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro.
- ANDRADE, Adriano B. (2005). *O espaço em movimento: a dinâmica da Pituba no século XX*. Salvador: Edufba.
- ANDRADE, Adriano B. (2013). *O outro lado da baía: a gênese de uma rede urbana colonial*. Salvador: Edufba.
- ANDRADE, A. B.; BRANDÃO, P. R. B. (2006). *Geografia de Salvador*. Salvador: Edufba.
- BAILLY, Antoine S. (1991). "La chronogéographie". In BAILLY, A. S. (Coord.) *Les concepts de la géographie humaine*. Paris: Masson, p. 169-172.
- BAKER, Alan R. H. (1995). "The practice of historical geography". In PITTE, J.-R. (Org.) *Géographie historique et culturelle de l'Europe*. Paris: Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, p. 31-49.
- BAKER, Alan R. H. (2003). *Geography and history: bridging the divide*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAKER, Alan R. H. (2005). "Reflexions sur les relations entre l'histoire et la géographie". In BOULANGER, P.; TROCHET, J.-R (Dir.) *Où en est la géographie historique?* Paris: L'Harmattan, p. 19-31.
- BASSIN, M.; BERDOULAY, V. (2004). "La géographie historique : localiser le temps dans les espaces de la modernité". In BENKO, G.; STROOHMAYER, U. (Dir.) *Horizons géographiques*. (s/l): Eds. Bréal, p. 291-338.
- BLACK, I.; BUTLIN, R. (2001). *Place, Culture and Identity. Essays in Historical Geography in Honour of Alan R. H. Baker*. Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval.
- BLOCH, Marc. (1993 [1942]). *Introdução à História*. Lisboa: Europa-América.
- BRANDÃO, Paulo R. Baqueiro. (2005). *Geografias da presença galega na cidade da Bahia*. Salvador: Edufba.
- BRAUDEL, Fernand. (1997 [1941-1975]). *Les ambitions de l'Histoire*. Paris: Editions de Fallois.
- BRAUDEL, Fernand. (1986 [1958]). *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Presença, p. 7-39.
- BRAUDEL, Fernand. (1978 [1969]). *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva.
- BRAUDEL, Fernand. (1992 [1990]). *Reflexões sobre a História*. São Paulo: Martins Fontes.
- BUTLIN, Robin A. (1996 [1993]). *Historical Geography: Through the Gates of Space and Time*. London: E. Arnold.
- CAPEL Sáez, Horacio. (1990 [1975]). *Capitalismo y morfología urbana en España*. Barcelona: Circulo de Lectores.
- CARTER, Harold. (1987 [1983]). *An Introduction to Urban Historical Geography*. London: Edward Arnold.
- CIDADES. Mauricio de Almeida Abreu. (2011). V. 8, n. 14.
- CLAVAL, Paul. (2005). "Geographies et temporalités". In BOULANGER, P.; TROCHET, J.-R (Dir.) *Où en est la géographie historique?* Paris: L'Harmattan, p. 43-62.
- CLAYTON, Don. (2006). "Historical geography". In JOHNSTON, R. J. et al. (Eds.) *The Dictionary of Human Geography*. Malden: Blackwell, p. 337-341.
- CONZEN, M. P. (Ed.) (2004). *Thinking about Urban Form. Papers on Urban Morphology, 1932-1998*. Bern: Peter Lang.
- COSTA, Maria Clélia L. (2017). *Capítulos da geografia histórica de Fortaleza*. Fortaleza: UFC.
- COURVILLE, Serge. (1995). *Introduction à la géographie historique*. Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval.
- DARBY, H. C. (1991 [1962]). "Historical Geography". In GREEN, D. B. (Ed.) *Historical Geography. A Methodological Portrayal*. Savage: Rowman & Littlefield, p. 59-82.
- DENECKE, D.; SHAW, G. (Eds.) (1988). *Urban historical geography: recent progress in Britain and Germany*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- DROULERS, Martine. (2001). *Brésil: une géohistoire*. Paris: Presses Universitaires de France.
- DYOS, H. J. (Ed.) (1968). *The Study of Urban History*. London: E. Arnold.
- FEBVRE, Lucien. (1970 [1922]). *La Terre et l'évolution humaine*. Paris: Albin Michel.
- FLATRÈS, Pierre. (1994). "La géographie retrospective". *Hérodote*, 74/75, p. 63-69.

- FRIDMAN, Fania; HAESBAERT, Rogério (Orgs.) (2014). *Escritos sobre espaço e história*. Rio de Janeiro: Garamond.
- GRATALOUP, Christian. (1996). *Lieux d'Histoire. Essai de Géohistoire Systématique*. Montpellier: Reclus.
- GRATALOUP, Christian. (2003). "Geohistoire". In LEVY, J.; LUSSAULT, M. (Ed.) *Dictionnaire de la géographie et de l'espace des sociétés*. Paris: Belin, p. 401-402.
- GRATALOUP, Christian. (2015). *Introduction à la geohistoire*. Paris: Armand Colin.
- GUELKE, Leonard. (1982). *Historical understanding in geography: an idealist approach*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.
- GUTIÉRREZ de McGregor, María T.; GONZALEZ Sánchez, Jorge. (2002). *Geohistoria de la Ciudad de México (Siglos XIV a XIX)*. México: UNAM.
- HARTSHORNE, Richard. (1978 [1959]). *Propósitos e natureza da Geografia*. São Paulo: Hucitec.
- HORNBECK, D.; EARLE, C.; RODRIGUE, M. C. (1996). "The Way We Were: Deployments (and Redeployments) of Time in Human Geography". In EARLE, C.; MATHEWSON, K.; KENZER, S. (Ed.) *Concepts in Human Geography*. Boston: Rowman & Littlefield, p. 33-61.
- HUMBOLDT, Alexander von. (2004 [1826]). *Ensayo Político sobre la Isla de Cuba*. Alicante: Universidad de Alicante.
- KANT, I. (1999 [1802]). *Géographie. Physiche Geographie*. Paris: Aubier.
- KOSELLECK, Reinhart. (2020). *História de Conceitos*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- LE GOFF, Jacques. (1990). *História e Memória*. Campinas: Ed. da Unicamp.
- LEPETIT, B.; PUMAIN, D. (1999 [1993]). *Temporalités urbaines*. Paris: Anthropos.
- LOURENÇO, Luís Augusto Bustamante. (2002). *A Oeste das Minas: escravos, índios e homens livres numa fronteira oitocentista: Triângulo Mineiro (1750-1861)*. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Geografia) Universidade Federal de Uberlândia.
- LOWENTHAL, David. (2006 [1985]). *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press; *El pasado es um país extraño*. Madrid, Akal, 1998.
- MALTE-BRUN, M. (1810). *Précis de la Géographie Universelle [...]*. Paris: Fr. Buisson, v. 1.
- MITCHELL, J. B. (1954). *Historical Geography*. London: The English Univ. Press.
- MORAES, Antonio C. R. (2000). *Bases da Formação Territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no "longo" século XVI*. São Paulo: Hucitec.
- MORAES, Antonio C. R. (2005). *Território e História no Brasil*. São Paulo: Annablume.
- MORAES, Antonio C. R. (2011). *Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia*. São Paulo: Annablume.
- MORRISSEY, J. et al. (2014). *Key Concepts in Historical Geography*. London: Sage.
- NORTON, William. (1984). *Historical analysis in geography*. New York: Longman.
- PACIONE, Michael. (1995). *Glasgow. The Socio-spatial Development of the City*. Chichester: J. Wiley.
- PHILO, Chris. (1996 [1994]). "História, geografia, e o 'mistério ainda maior' da geografia histórica". In GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. (Org.) *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 269-298.
- PITTE, Jean-Robert. (1994). "De la géographie historique". *Hérodote*, 74/75, p. 14-21.
- PITTE, Jean-Robert. (2005). "La géographie historique au service des problèmes d'aujourd'hui". In BOULANGER, P.; TROCHET, J.-R. (Dir.) *Où en est la géographie historique?* Paris: L'Harmattan, p. 195-202.
- PITTE, Jean-Robert. (2003 [1983]). *Histoire du paysage français de la préhistoire à nos jours*. (S/I): Tallandier.
- PLANHOL, X. de. (1988). *Géographie Historique de la France*. Paris: Fayard.
- POMIAN, K. (1993). "Periodização". In *Enciclopédia Einaudi*, vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional, p.103-163.
- PRINCE, Hugh. (1985 [1980]). "La Geografia Histórica em 1980". In BROWN, E. H. (Comp.) *Geografía. Pasado y Futuro*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 325-352.
- RECLUS, Elisée. (2010 [1860, 1861]). *Da escravidão nos Estados Unidos*. São Paulo: Editora Imaginário.
- RECLUS, Elisée. (s/d [1905]). *L'Homme et la Terre*. Marston Gate: Amazon.co.uk Ltd. (4 v.).
- SANTOS, Milton. (1996). *A Natureza do Espaço*. São Paulo: Nobel.

- SAUER, Carl O. (1991 [1940]). "Introducción a la geografía histórica". In CORTEZ, C. (Comp.) *Geografía histórica*. México: Instituto Mora/UAM, p. 35-52.
- VASCONCELOS, P. A. (1985). *Le travail informel urbain au Brésil: Analyse historique et variations spatiales au niveau des Etats, de leurs régions métropolitaines et de la région de Salvador*. Thèse (Ph.D em Géographie) Université d'Ottawa.
- VASCONCELOS, P. A. (1997). "Os agentes modeladores das cidades brasileiras no período colonial". In CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Org.) *Explorações geográficas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 247-278
- VASCONCELOS, P. A. (1998). "Les racines du travail informel urbain au Brésil". *Espaces et Sociétés*, 92/93, Paris, p. 194-213.
- VASCONCELOS, P. A. (1999-a). "Questões metodológicas na geografia urbana histórica". In VASCONCELOS, P. A.; SILVA, S. B. M. (Orgs.) *Novos Estudos da Geografia Urbana Brasileira*. Salvador: Edufba, p. 191-201.
- VASCONCELOS, P. A. (1999-b). "Como estudar a cidade na longa duração (a noção do tempo na Geografia)". *Formação*, 6, Presidente Prudente, p. 75-90.
- VASCONCELOS, P. A. (1999-c [2012]). *Dois séculos do pensamento sobre a cidade*. Ilhéus: Editus (2ª edição revista, Salvador: Edufba).
- VASCONCELOS, P. A. (2001). "Categorias e conceitos para compreensão da cidade brasileira do período escravista". In SPOSITO, M. E. B. (Org.) *Urbanização e Cidades: perspectivas geográficas*. Presidente Prudente: Unesp, p. 13-57.
- VASCONCELOS, P. A. (2002 [2016]). *Salvador: transformações e permanências (1549-1999)*. Ilhéus: Editus (2ª edição ampliada, Salvador: Edufba).
- VASCONCELOS, P. A. (2005). *Salvador de Bahia (Brésil): transformations et permanences (1549-2004)*. Paris: L'Harmattan.
- VASCONCELOS, P. A. (inédito). *As metamorfoses do trabalho irregular urbano no Brasil [Título provisório]*.
- WHITEHAND, Jeremy W. R. (1992). *The Making of the Urban Landscape*. Oxford: Blackwell.
- WHITEHAND, Jeremy W. R. (1987). *The Changing Face of Cities. A Study of Development Cycles and Urban Form*. Oxford: Blackwell.